

Cartografia de corpos femininos tatuados: dos *freaks shows* ao contemporâneo*

NATHALIA HELENA TOMAZINI ZANCO*

Mestranda em História pela UFU. e-mail: nathaliazanco@hotmail.com

Este artigo é parte de minha pesquisa de mestrado. Entretanto, a pesquisa é mais abrangente e aqui, neste artigo, deter-me-ei nas partes em relação ao gênero e suas diferenças. A proposta de minha pesquisa de mestrado é a análise do desejo¹ envolvida no processo de tatuar-se, de subjetivação, nas relações dos corpos, nas diferenças e como esse processo acontece junto aos fluxos e dispositivos da máquina social. Para a elaboração da pesquisa estive em estúdios de tatuagens na cidade de Uberlândia nos anos de 2015 e 2016².

* Esta pesquisa contou com financiamento Capes.

¹ O desejo compreendido nas concepções deleuzianas: um sentido de desejo composto pelas ideias de Nietzsche e Espinosa. Enquanto que para a psicanálise de vertente freudiano-lacaniana o desejo se constitui como “falta”, algo a ser preenchido, Nietzsche é categórico: o desejo não é “falta”, é produção! É produção abundante que quase transborda. Não é carência, é justamente o contrário, é excesso! Pois, para Deleuze, a não ser os padres, quem mais chamaria desejo de “falta”? Nietzsche chamou isso de “vontade de potência”. Como para Deleuze, só existe o real, o molecular, o desejo atua para a produção desse real. Nós somos seres, corpos desejanter, e esses desejos criam fluxos. E nos perguntamos: por que a maioria dos filósofos tomou o caminho contrário? Por conta da herança platônica do mundo, este mundo que ainda está por vir, transcendente, literalmente ideal. O desejo de herança platônica é investido em paraísos que almejamos. Como para Deleuze só existe o real e o desejo é produção, ele produz o real e somente o real. Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa também envolve questões relacionadas ao corpo. Aquele corpo que deseja e vive nesse real, preso e/ou descolado dele.

² Sobre as tatuagens em minha pesquisa: ela está em quase todos os lugares. Mas observei que existem diferenças na prática da tatuagem que são trançadas pela realidade e por práticas externas que compõem os processos de subjetivações. Para além de circundar a

Fiz entrevistas com as pessoas que estavam nos estúdios e também em eventos destinados ao público das tatuagens para relatarem sobre elas e o processo de feitura, envolvendo afetos e subjetividades. Não analisei somente o movimento destes lugares, mas também veículos midiáticos da indústria cultural, mais precisamente o Almanaque Digital de Tatuagem³. O método que usei para dar norte à pesquisa foi a cartografia deleuziana⁴.

O corpo é parte do real e é composto por moléculas abertas que se movem e se transformam. O real – a realidade – é a possibilidade de vida, diante da certeza da morte, desde que não se perca de vista o limite da carne. Qual é esse limite sendo que a condição humana é a permanente negociação entre as criações da realidade psíquica e as imposições da realidade externa, dos dispositivos e máquinas desejanças com seus fluxos? Não nos é mais totalmente estranho, ultimamente, cruzar os olhos com cores e rabiscos nas peles por onde andamos. Independentes do meio urbano considerado “megalópole”, até as pequenas cidades já estão dominadas por esses seres multicoloridos.

Ora, também não é novidade que a tatuagem é uma prática milenar que sobreviveu descontinuamente ao longo de anos, com apropriações diferentes, reelaboradas para o âmbito citadino na contemporaneidade. Quando falamos de tatuagens e modificações corporais em geral, o corpo é o lugar que as suporta. Suporta em inúmeros sentidos: suporta as sensações, as agulhadas, suporta o dese-

tatuagem em um grupo ou em um *ethos* específico, entenderemos a tatuagem como linguagem que circula nos jogos de poder, de controle, de interesses, dos dispositivos e das formas externas dos jogos de linguagens. Dizer que lançarei um olhar interpelativo para as maneiras de subjetivação dos adeptos da tatuagem é o mesmo que tentar me aproximar das expressões, impressões e, literalmente, das marcas deixadas pela vida (e na pele). Praticamente traçar um olhar de uma época calcada na fluidez contemporânea. Localizaremos subjetividades, experiências íntimas, que são marcas de historicidade. E, sobretudo, situá-las no tempo e no espaço. A questão principal é: o que significa ser tatuado hoje? Como estamos direcionando nossos desejos em relação ao corpo e às tatuagens? Tatuarse corresponde a responder aos estímulos, desejos e aos fluxos da contemporaneidade fluida, mas, também, justamente por ser uma marca permanente, não seria uma resistência a essa fluidez e ao efêmero? Quais são as motivações de quem tatua a pele? Marcar a pele parece nos apontar um importante caminho para a compreensão do sujeito frente às questões indissociáveis da existência humana – como um todo. É a partir dessa perspectiva que conseguiremos enxergar histórias particulares de sujeitos históricos que vivem e que, sobretudo, sentem, desejam e se subjetivam. Quais são os processos de subjetividades envolvidas no tatuar-se na contemporaneidade?

³ Disponível em: <http://www.almanaquedigital.com.br/wp/>. Acesso: junho de 2017.

⁴ Refiro-me ao campo filosófico-político-sentimental das relações subjetivas. Ou seja, acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas entre as estruturas de dispositivos e os processos de subjetivações.

nho e, em última instância, o corpo torna-se, literalmente, *suporte*. Em todas as épocas e lugares o corpo aparece como “suporte” da vida, uma espécie de diário de bordo do homem na Terra, na política, na cultura e nos sentimentos e em variados momentos. Além disso, é o corpo que se enfeita para poder aparecer belo. Diferente. Mágico. Ao corpo se deleitam as possibilidades de marcar épocas e rituais. De qual maneira? Da maneira que a história da tatuagem se confunde e se mistura muitas vezes com a história das modificações corporais: tatua-se um sinal para a pessoa amada, fura-se a orelha no nascimento, coloca-se um pedaço de bambu nos lábios para comemorar a chegada à adolescência. Marca-se o corpo com símbolo de algum animal para corresponder à linhagem familiar.

Segundo Leusa Araújo (2005, p. 12), o primeiro homem tatuado de que se tem vestígios é Otzi, que teve a alcunha de “homem de gelo” e viveu aproximadamente há 5.200 anos. Foi encontrado na região dos Alpes, entre a Itália e a Áustria. Otzi traz impresso em seu corpo cerca de cinquenta marcas de tatuagens localizadas nas costas e nos joelhos. Não podemos deixar de mencionar os primeiros *piercings*, que apareceram cerca de 4.500 anos na Idade da Pedra com os povos da região do Indústão. Esse povo adornava seus corpos com dentes, ossos e tocos de madeira que atravessavam os narizes. Durante as expedições do início do século XX, nas regiões consideradas “pouco alcançadas pela civilização”, houve registros dos povos da Papua-Nova Guiné com esse mesmo tipo de adorno atravessando seus septos.

É interessante notar os registros históricos das tatuagens. As mulheres, apesar de seu obscurantismo nos protagonismos históricos por uma tradição patriarcal nas ciências, também apareciam tatuadas em cerca de 4.000 anos atrás em Tebas, no Egito Antigo. Ficou conhecida como “Mãe Egípcia” a múmia encontrada na região e que foi nomeada Amunet e era uma sacerdotisa de Hathor – a deusa do Amor. Suas tatuagens consistiam em pontos na barriga em formatos de pontilhados no sentido oval acompanhando o ventre, o que pode indicar um sinal de fertilidade. Não só os egípcios tinham o hábito de pontilhar suas mulheres no ventre e nos seios para indicar fertilidade; segundo Araújo, as meninas da tribo Enawênê Nawê da Amazônia também passavam pelos mesmos rituais. Símbolos totêmicos também eram comumente utilizados para marcar os corpos. Há apontamentos de que as tatuagens na Índia e no Tibet serviam para dar força às pessoas nos períodos difíceis da vida como passagens para a puberdade, gravidez, superação de doenças e desgraças. (Leusa, 2005, p. 22).

Os povos berberes – no norte da África – cultuam a tatuagem com intenções estéticas e de proteção divina à saúde. As mulheres faziam desenhos geométricos no rosto para se destacarem no grupo e, no período da colonização francesa, costumavam exagerar nas tatuagens faciais para que os soldados franceses, acostumados com a beleza óbvia europeia, não se aproximassem delas. A prática atualmente está em declínio, pois o islamismo condena a tatuagem. Segundo Apoenan Rodrigues,

Fora do círculo dos povos étnicos, a tatuagem ganhou espaço até entre a realeza. Há um desenho do príncipe Constantine, da Albânia, datado de aproximadamente 1870, que mostra seu peito, braços e rosto inteiramente tatuados. Três décadas mais tarde, com a onda tomando conta dos marinheiros ingleses, os sangue-azuis locais também aderiram ao costume. Mesmo assim, grande parte da sociedade de então relacionava o ato de se tatuar à marginalidade ou à homossexualidade, ideia que se manteve até bem pouco tempo atrás (Rodrigues, 2008, p. 18).

Segundo Lessa, na Polinésia apareceram os primeiros “tatuadores”, denominados na língua local como *tuhuna patu tiki*. Esse termo, nas ilhas Marquesas – uma das ilhas dos arquipélagos da Polinésia Francesa – remete, no século XVI, a algo como “ancião das artes”. A técnica consistia em fazer um decalque na pele antes de perfurar com tinta – técnica utilizada até hoje pelos tatuadores modernos – com desenho de carvão, e aí “estampava-se” a pele com o carvão para em seguida perfurar com tinta sobre a impressão.

Nos escritos de Heródoto, no século V a.C. também há a menção sobre tatuagens com os Pictos. Este povo aparece à tona também durante as expedições do século XVI por justamente terem seus corpos tatuados e por serem considerados mais brutos, quando estavam em uma batalha, do que os demais povos que habitavam a região da Escócia antes das conquistas romanas. Homens e mulheres tinham seus corpos todos coloridos e adornados pelas tatuagens.

A tatuagem e esses adornos corporais pontuam a história das culturas e civilizações com variadas funções, porém, algumas parecem ser compartilhadas por todas e não se modificam tanto historicamente: eles representam uma carteira de identidade. Porque é memória coletiva, mimeses, signos de poder, beleza e subjetividade. Contudo, os significados da tatuagem não se encerram na questão identitária.

Engana-se quem pensa que a tatuagem tem função só estética ou para cumprir a função apenas de adornar; ela teve funções biológicas e de cura por longos períodos. Sabe-se que a mesma técnica utilizada na tatuagem – perfuração com objetos pontiagudos e cortantes – também foi usada, por exemplo, por povos do Senegal. Eles faziam cortes não muito profundos na testa para estancar uma dor de cabeça. Essa lógica é análoga à usada pela acupuntura, assim como as tintas utilizadas para a pigmentação da pele que quase sempre eram elaboradas com óleo ou gordura e muitas vezes serviam também como unguentos e repelentes para livrar o corpo de picadas de insetos.

Recentemente, veículos de informação e mídia publicaram um estudo que relacionava a tatuagem a um bom sistema imunológico. Este estudo, que provém da Universidade do Alabama, aponta que existe uma melhor resposta imunológica às infecções, que são semelhantes à prática de musculação, logo após um processo de tatuar. Segundo os estudiosos tem a ver diretamente com o nível de cortisol no

corpo e com o fato de se “resetar” o sistema imunológico cada vez que ele é “agredido” pelas agulhas da tatuagem. Assim, como em exercícios físicos que demandam o uso muscular além do normal, a tatuagem deixaria o sistema imunológico mais forte ao longo dos procedimentos, assim como os músculos, pois quanto mais rompemos a fibra muscular mais o músculo reagiria para recuperação e fortalecimento, e o sistema imunológico também se fortalece⁵.

A tatuagem é um processo com o qual pigmentos são colocados permanentemente sob a pele. Não conseguimos pontuar exatamente no espaço-tempo onde e quando se iniciou este processo. Entretanto, não conseguiremos entender a tatuagem sem atentarmos para a origem dessa palavra em maori. As maoris são as precursoras do que entendemos hoje no ocidente como tatuagem. Não que os maoris fossem exclusivos nessa prática, pois como já vimos, a tatuagem se encontra de maneiras e formas diferentes em toda a história da humanidade e em diversos locais do planeta Terra, mas foi com eles que houve os primeiros contatos pelos ocidentais.

A primeira máquina de tatuar ocidental, parecida com a que temos hoje em dia, foi inventada por Samuel O'Reilly. Ele:

[...] se baseou num dispositivo para desenho e pintura patenteado por Thomas Edison para criar, em 1891, a máquina elétrica de tatuar. Agora, muitas agulhas podiam trabalhar ao mesmo tempo e em velocidade, diminuindo a dor do ritual e transferindo com rapidez o desenho para a pele (Araújo, 2005, p. 45).

O que é comum ao longo da história da tatuagem é sua característica de imprimir nos sujeitos pertencimentos coletivos, ou seja, atribuir ao indivíduo acesso à dimensão social e cosmológica de sua formação social. Um corpo não marcado é um corpo em que não havia pertença. Tais pertencimentos hoje estão intimamente ligados à forma da construção social e identitária que manejam os desejos individuais. Sempre há um motivo para a tatuagem. Não são mais motivos previamente construídos e sólidos, ligados, por exemplo, a rituais de passagens:

Deixam de ser *signos estatutários* claros e precisos, socialmente determinados e sobre-codificados, para passarem a constituir *signos identitários* voluntariamente apropriados, simbolicamente flutuantes e ambíguos. No seu propósito passa a existir um projecto de *individuação*, ou seja, de produção pessoal e reconhecimento social do indivíduo enquanto pessoa singular e autónoma (Benson, 2000). Expressa agora

⁵ <http://super.abril.com.br/saude/tatuagens-melhoram-seu-sistema-imunologico/>. Acesso: junho de 2017.

a *idiosincrasia pessoal* do sujeito, que faz do corpo marcado, historicamente conotado com exotismo e transgressão, um manifesto social de autenticidade e singularidade (Ferreira, 2011, p. 138).

É no século XIX que as tatuagens se tornam atração pública na América e na Europa. Quem compunha esse circo? Os homens e mulheres tatuados se apresentavam juntamente com anões, bezerras de cinco pernas, esquimós, leopardos, gigantes, ou seja, todos os tipos que estavam na marginalidade da normatividade social.

Existem estudos econômicos voltados ao fenômeno do *freak show* na América e na Europa no século XIX que, além de envolver a economia dos afetos e sentimentos, envolvia muito dinheiro neste ramo. Há apontamentos de que um artista reconhecido desta modalidade ganhava um salário equivalente ao de um jogador de futebol da atualidade⁶.

Nas últimas duas décadas aumentaram os estudos, sobretudo em lugares de tradição dos *freaks shows* – que tem origem na Idade Média – e seus impactos no imaginário e na economia. Os *freaks shows* pertenciam ao rol de entretenimento familiar no século XIX, e a queda e ascensão deste tipo de evento têm a ver com economia e moralidade. Mesmo que se encontrassem no auge, os festivais *freaks* eram considerados degradantes e muito exploratórios, independentemente do fato de que alguns artistas ganhassem boas remunerações. Qual outra opção de vida que os artistas *freaks* tinham com suas “anomalias” numa sociedade “normativa”? Quase nenhuma, a não ser a exploração por esses “empresários” que angariavam o corpo diferente alheio, atribuía-lhe um significado e transformava-o em entretenimento. É violento na medida em que percebemos a exploração, o riso, o nojo do outro e a exibição para esses fins do corpo que não se encaixa na “normatividade” óbvia.

Sobre os *freak shows* contemporâneos, não é tão fácil encontrar profissionais do ramo, muito embora eles estejam aumentando nesta última década: veremos homens e mulheres com implantes de *teflon* na testa, implante de chifres de silicone, implante de pregos na testa e nos braços, língua bi/trifurcada, lábios e lóbulos extremamente alargados, cabeças e rostos completamente tatuados. Trata-se de modificações que não são realizadas por qualquer profissional e são comumente invasivas. Não obstante essas características, o *freak show*, além de conter homens e mulheres inclusas nessa estética, conta com diversas *performances* que deixam qualquer um, desavisado ou não, extasiado e horrorizado. É um choque que vai da fascinação ao horror. São performances com motosserras a milímetros de peles

⁶ Esta análise econômica dos Freaks Shows foi retirada do portal econômico Priceonomics. Disponível em: <https://priceonomics.com/the-rise-and-fall-of-circus-freakshows/>. Acesso: junho de 2017.

e membros, com máquinas furadeiras adentrando orifícios corporais como boca, nariz e orelhas. São corpos que se chocam a cacos de vidros e objetos metálicos quentes. São agulhas enormes que atravessam as bochechas. A questão é: o corpo diferenciado.

Quando o outro está realizando sua *performance* com sangue, perfurações, serras elétricas e até mesmo os *freak shows* antigos com os homens e mulheres considerados estranhos, enfrentamos um conteúdo daquilo que nós mesmos lutamos para deixar quieto e parado dentro de nós. O que nos é estranho no outro é porque jaz em nós mesmos a mesma “estranheza”.

Arrisco a dizer que tantos os performistas como os expectadores que procuram esses eventos têm as mesmas relações psíquicas e sensoriais catárticas, ou seja, partilham essa descarga de emoções. Creio que essas experiências sociais baseadas em estímulos sensoriais extremos permitem a estes indivíduos potencializarem o sentido de vida de cada um.

Outra reflexão: o nojo que esse tipo de apresentação causa e que a plateia, em estado catártico, goza, entrando em estado de fascinação e horror. Essa característica do horror que choca e causa náusea e nojo é recorrente nesses espetáculos, inclusive, essas são as intenções, ao enfiarem uma furadeira em funcionamento no nariz para uma plateia (ou não?). Asco, dor, náusea, nojo, superação, vislumbre e fascinação são sentimentos que se cruzam perante tais espetáculos. Ao mesmo tempo em que o *performancer* se fura, se corta, e traz a lembrança da dor e do corpo perecível, que morre, ele também traz o sentido da superação, já que aguenta firme todas as fincadas e iminências de rasgos irreversíveis. Ou a própria iminência da morte.

A liberdade perante o corpo; a iminência de rasgá-lo significaria um rompimento, literalmente, com o ideal de corpo que esteja em voga? Seria para repetir nossa lembrança de dor e de morte? Seria um espetáculo com requintes de sadomasoquismo e narcisismo⁷? Subversão? Há funções catárticas?

Embora o ambiente dos estúdios de tatuagens ainda seja majoritariamente masculino e com características por vezes sexistas e machistas, como observei nas visitas aos estúdios de tatuagens que fiz, as mulheres sempre estiveram presentes com suas peles riscadas e tatuadas, seja como tatuada ou como tatuadora. A questão é que, profissionalmente, a visibilidade para elas é menor, salvo quando são

⁷ Há uma aproximação estética e de adereços entre a *body modification* e suas performances e os entusiastas do sadomasoquismo. É comum vermos tatuagens, piercings, cordas, roupas de vinil e transparências em ambos os grupos, segundo estudiosos os dois movimentos tiveram seus desenvolvimentos na mesma proporção e época: é a revolução do corpo e do sexo.

procuradas por terem a “mão leve”⁸ ou por terem traços “delicados”. Isso não corresponde aos fatos, o que pode acontecer é que mulheres podem ser mais caprichosas e pacientes.

Desde o século XIX mulheres com corpos tatuados foram exibidas como um corpo interessante e ao mesmo tempo belo e bizarro. Qual a fronteira tênue entre o que nos causa estranhamento e o que nos fascina? É um corpo feminino e colorido para ser explorado. Um corpo colorido projetado para ser curioso e ao mesmo tempo desejado. Porém, existe o estigma de que mulheres que se tatuam são mulheres fáceis, promíscuas ou prostitutas, embora minhas observações no dia a dia indicassem outra coisa: muitas mulheres se tatuam para selarem romances ou amor aos filhos. Parece que somente assim é permitido: podem tatuar-se, desde que tenha a ver com o que o patriarcado espera delas, no caso, casamento e filhos. Coraçõezinhos, o “exame do pezinho”, a data do nascimento junto com o peso, centímetros do bebê que nasceu, há também bonequinhos simbolizando os filhos, o coraçõezinho para o esposo. Tudo combinando perfeitamente com as exigências do patriarcado. Essas tatuagens, inclusive, receberam a alcunha de “tatuagem de mãe”. Essa que é aceita e admirada pela sociedade que não quer se confrontar com a mulher transgressora.

A indústria cultural é um dispositivo importante para a disseminação dos gostos e julgamentos sobre o corpo feminino tatuado, que é um corpo forte, vibrátil e que incomoda. Basta uma procura rápida pelos buscadores da internet “mulheres tatuadas” e veremos um *menu* de julgamentos e artigos de reportagens com os dizeres “homens acham que mulheres tatuadas são mais fáceis”⁹, ou então, “vejam fotos de tatuagens femininas e discretas”: estes discursos não cansam de delimitar regras aos corpos e comportamentos femininos. São máquinas e dispositivos que emitem fluxos de acordo com as exigências do capital e do patriarcado. Muitas mulheres acabam pautando suas escolhas baseadas nesses fluxos, pois ficam preocupadas com o julgamento da sociedade, já que a aceitação de tatuagens amorosas é mais frequente. As mulheres com esses tipos de tatuagens são mais aceitas em ambientes corporativos porque agradam os olhares masculinos: um porta-retratos vivo do amor pela família e pelos filhos.

Nos últimos 30 anos, as tatuagens saíram dos portos, dos fundos das barbearias para o campo da legalização, porém, para quem? Mulheres ainda precisam “tomar cuidado” com “o que” tatuam e “onde” tatuam no corpo, porque podem levar a alcunha de promíscuas; homens, pelo contrário, se tatuarem o pescoço, com

⁸ Usa-se o termo “mão leve” para designar tatuador que não enterra muito a agulha na pele para tatuar. E dizem que com tatuador “mão leve” a tatuagem dói menos. Creio que, na verdade, depende muito do lugar escolhido no corpo, do tipo de desenho e da técnica.

⁹ Acesso abril de 2017: <http://super.abril.com.br/blog/cienciamaluca/homens-acham-que-mulheres-tatuadas-sao-mais-faceis/>.

grandes desenhos, são exemplos de virilidade. Aquele homem forte e viril, quase um guerreiro, que aturou horas de picadas e rasgadas em um lugar tão difícil de tatuar: o pescoço.

Ainda sobre maternidade e gravidez, a mídia faz da mentalidade das mulheres um depósito de cobranças normativas infundáveis: se, por um lado, a maternidade é bem quista e as tatuagens aceitas são para celebrá-la, o corpo, este que se modificou após passar por uma gestação, não pode passar por mudanças drásticas consideradas não atraentes pelo padrão estético vigente: estrias, flacidez, celulites, etc. A tatuagem, nesse caso, entra como dispositivo de opressão à liberdade do corpo feminino: serve como sugestão para cobrir os considerados “excessos” da gravidez, afinal, só deram estria, celulite e flacidez naquela mulher que não se cuidou o suficiente durante a gestação. Torna-se artifício para trazer erotismo e desejo “de volta” ao corpo que suportou a gravidez, mas que não está de acordo com os padrões estéticos da indústria cultural. Entretanto, essa sugestão do uso de tatuagem para cobrir marcas nos corpos femininos pode aparecer como uma coisa positiva: muitas mulheres tatuadoras no Brasil oferecem seus trabalhos para tatuar e enfeitar o peito da mulher e sua cicatriz, que passou por uma mastectomia por causa de um câncer de mama. A tatuagem, nesse caso, pode entrar como um signo importante para a devolução da autoestima à mulher que passa por um processo tão traumático como o tratamento desta doença.

Esse estigma entre mulheres e tatuagens advém da ideia de que, até meados do século XX, tatuagem era associada aos marinheiros, às prostitutas, às artistas de circo de *freak show*, aos transeuntes das áreas boêmias e, nos anos de 1960, aos jovens dissidentes. Imaginem se a imagem idealizada da doçura, da maternidade, do equilíbrio feminino poderia ser associada ao ato transgressor de tatuar-se?

Quanto mais tatuagem a mulher possui, mais julgamentos estereotipados ela receberá. Normalmente, como a tatuagem é considerada um ato de virilidade que combina, segundo a normatividade do patriarcado, com masculinidade, é comum, inclusive, que, quando mulheres procuram os estúdios para tatuarem-se com desenhos grandes, os tatuadores ofereçam as pomadas anestésicas. Estas pomadas dão uma anestesiada momentânea na pele, porém rápida. Não alivia muito para fazê-la, é mais um gasto, na verdade, no orçamento para a tatuagem. Geralmente, alguns estúdios têm combinado com alguma farmácia de manipulação o feitiço dessas pomadas.

Existe também a impressão de que homens aguentam a dor e que mulheres são mais escandalosas e costumam encher o estúdio de amigas para se solidarizarem com a dor. Porém, as mulheres sofrem de problemas maiores nos estúdios: a falta de uma sala exclusiva para tatuagens mais íntimas, onde será preciso que fiquem seminuas para a feitura. Geralmente, tatuagens em virilhas, seios, costas e barriga exigem que partes do corpo fiquem expostas. Não há exatamente um cuidado para a não exposição desses corpos, embora alguns estúdios de tatuagem já

estejam providenciando uma ala reservada, pois em alguns estúdios a circulação de pessoas na área da feitura da tatuagem é grande, embora não seja permitido.

É normal que as mulheres vão ao estúdio de tatuagem acompanhadas por alguém, como se fosse para protegê-las dos olhares e protegê-las, inclusive, de más escolhas. Observei mulheres nos estúdios acompanhadas pelas mães, pelas irmãs ou por maridos/namorados. Até na escolha dos desenhos, do lugar, é como se a mulher não pudesse escolher sozinha. E quando acompanhadas pela mãe, parecem que estão em um salão de beleza e que as tatuagens são mais um dos adornos de beleza. Só faltou a pergunta célebre dos salões de cabeleireiro: “mas, você vai fazer esse corte de cabelo curto? Seu marido vai gostar?”. Corpos femininos incansavelmente controlados.

É estranha essa relação de tatuador, tatuagem e corpo feminino, pois até filmes pornográficos, simulando “tatuador x cliente”, estão disponíveis aos montes em sites especializados. A indústria pornográfica alimenta constantemente a objetificação, a vigilância/ controle e a punição ao corpo feminino. Controle e punição à sua liberdade e às escolhas das mulheres quanto aos seus próprios corpos. Homens são tão acostumados com essa relação que encontramos, cristalizadas, opiniões de que mulheres que possuem tatuagens são mais “fáceis” em relação ao sexo: “mulheres tatuadas topam sexo mais fácil que as outras”¹⁰.

Um exemplo: foi por causa de uma tatuagem que um homem, chamado pela mídia de “marido”, recentemente espancou sua companheira por confundir-la com uma atriz pornô, pelo simples fato de as duas possuírem uma tatuagem semelhante e no mesmo local do corpo. O homem assistia a um filme pornográfico enquanto a companheira dormia, e a atriz em questão tinha uma marca no braço que se assemelhava à da esposa. Esse detalhe foi suficiente para que o homem a acordasse espancando-a e fazendo com que ela assumisse que fazia filmes pornôs. A atriz não era ela e para que ela escapasse de ser morta pelo “marido”, jogou-se da janela do apartamento, sofrendo inúmeras fraturas. Está na iminência de perder os movimentos das pernas¹¹.

O corpo feminino é o lócus da noção de representatividade sobre o que é ser o feminino. Nesse sentido, os fluxos das máquinas desejantes e dos dispositivos de controle miram sobre nós e sobre nossa performatividade para nos induzir a agir de acordo com o que patriarcado quer. Corpos dóceis, frágeis, infantis, sedu-

¹⁰ A matéria é de 2013, mas pertinente: <http://super.abril.com.br/blog/cienciamaluca/homens-acham-que-mulheres-tatuadas-sao-mais-faceis/>.

¹¹ Acesso em junho de 2017: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/agredida-por-marido-que-confundiu-com-atriz-porno-mulher-se-joga-de-predio-no-df-21429134.html>.

tores, dissimulados e meigos. A questão é que até os estúdios de tatuagens, revistas, almanaques e sites especializados em tatuagens contribuem, e muito, com a manutenção desse paradigma.

O signo em Deleuze é o que empurra o pensar. Ele é a força impulsora e violenta da imanência: quando encontramos tal força, intensificam-se nossas faculdades trazendo tormento ao mar calmo e harmonioso do pensamento. O signo nos força a pensar:

(...) seja o exercício natural de uma faculdade, que esta faculdade tenha uma boa natureza e uma boa vontade, isto não se pode entender de fato. “Todo mundo” sabe que, de fato, os homens pensam raramente e o fazem mais sob um choque do que no elã de um gosto. E a célebre frase de Descartes, segundo a qual o bom senso (a potência de pensar) é a coisa do mundo melhor repartida, é apenas um velho gracejo, pois consiste em lembrar que os homens lamentam, a rigor, a falta de memória, de imaginação ou mesmo de ouvido, mas se sentem sempre muito bem-dotados do ponto de vista da inteligência e do pensamento (Deleuze, 2006, p. 131).

O signo, para Deleuze, retoma os pensamentos de seu filósofo dileto: Espinosa. Esta questão confere a diferença intrínseca do conceito de signo em Deleuze: é um efeito corporal, diz respeito às percepções e sensações, assim a inteligência é invocada e intensificada em funções de “afecções”. Somos a todo momento interpelados por encontros, por todos os lados e direções. Deleuze afirma que os encontros e a experiência dos signos são uma experiência de afectos. Nosso sentir é diretamente *afectado* por essa força bruta das relações. É no sentido dessa relação que nasce a sensibilidade, e a variação dessa força pode tender tanto para aumentar nossa potência de vida quanto para torná-la menos capaz. Não são todos os encontros que potencializam nossa existência, neste encontro há a reconfiguração e a criação, evidente, de novas relações que transformam nossas relações anteriores. Também podemos perceber nossa força de sentir reduzida e, por consequência, nossa capacidade de perceber e pensar. Signos de aumento de potência e de diminuição não se equivalem, mas são ambos, afectos. Pois bem, se os signos interferem intimamente na estratégia de abertura do pensamento, a potência dos afectos (modos de sentir diversos) e das percepções – que também são diferentes –, então, estas novas experiências nos permitem refletir sobre os próprios signos.

Não obstante, as normas sociais são entrelaçadas com mecanismos de controle, correção e vigilância que direcionam a vida e nossos corpos para o sentido daquilo que é enunciado como “normal” e “anormal”. São fluxos que nos adaptam à ordem sociocultural. Segundo Deleuze, somos máquinas desejanças. E não é somente no sentido metafórico, é literal. Somos máquinas acopladas em outras máquinas, interpelados por fluxos, tudo em nós cria, corta, separa, absorve etc. Estamos em constante processo de trocas comunicativas e, literalmente, significativas. Em *Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari (1995, vol. 1, p. 8) afirmam categoricamente:

nosso corpo é uma usina. Como, para estes autores, as relações e subjetividades são movimentos e fluxos constantes, nós também o somos. Juntamo-nos a estes fluxos, produzimos como átomos, formando moléculas que se sobrepõem, decompõem, justapõem. Estamos nestes fluxos e produzimo-los também. Este movimento é sempre de expansão, sedimentando-se por cima, algo engolindo outro algo. Pode parecer muito confuso, mas é nessa premissa que Deleuze e Guattari desconstruem o princípio da identidade. Essas partículas moleculares se juntam e formam coisas, elas adquirem ordem e a capacidade de manter-se. Aqui é onde nos encontramos: as máquinas desejanter criam o organismo – o corpo é um elemento dentro dessa máquina social.

Indubitavelmente, como vimos discutindo, a mídia interfere quase que diretamente nas produções de subjetividades contemporâneas, apontando modelos ideais de corpos, de símbolos corpóreos e estilos de vida. Um supermercado de *lifestyles*. Apresentam e fazem circular, inclusive, os modelos e ideias de tatuagens.

Não obstante, muitos sites voltados para o assunto, como o brasileiro “Mundo das tatuagens”¹² possuem um local de busca, um filtro, onde é possível filtrar a procura pelas tatuagens de acordo com interesse pré-determinado: fotos, *cover ups*¹³, desenhos, significados. Em outro lugar o filtro oferece opções como “tatuagens femininas” “tatuagens masculinas” e “ambos os sexos”. Existe também a possibilidade de filtrar pelo local do corpo que se deseja tatuar: barriga, atrás da orelha, braços e costas, costela, coxa, dedo, mão, nuca, ombro, panturrilha, pé, peito, perna, pescoço, pulso, tornozelo e virilha. Ou seja, especificam-se os lugares e “o quê” exatamente tatuar; além disso, o dispositivo separa as tatuagens de acordo com a normatização de gêneros: “tatuagens masculinas” x “tatuagens femininas”. Da mesma maneira que as questões de gêneros normativos aprisionam o indivíduo na binaridade homem versus mulher e masculino versus feminino, sem entender as complexas relações sócio-históricas intrínsecas neste processo, as mídias voltadas à cultura da tatuagem estão longe de superar essa dicotomia; ao

¹² <https://mundodastatuagens.com.br/>. Acesso em 03/04/2017.

¹³ Usa-se o termo “*cover up*”, literalmente “cobrir”, quando se procura tatuagens para cobrir alguma já feita que não transmita mais sensações prazerosas ou que acione memórias indesejadas. Pode-se também cobrir tatuagem quando a estética dela, com o passar dos anos, já não agrada ou quando ela está com traços abertos, borrões, desbotamentos etc. Entretanto, existem alguns cuidados, pois a tatuagem nova, feita por cima, precisa, obviamente, cobrir a anterior, logo, o desenho terá que ser maior, os tons mais escuros e alguns traços da tatuagem anterior podem aparecer. Existe uma diferença entre tatuar sobre uma pele sem uma tatuagem e sobre a pele em que já exista uma: a cicatrização será diferente. As linhas da nova tatuagem deverão aproveitar as linhas antigas, devem-se definir os pontos de luz e matizar os tons mais frios como azul ou verde.

contrário, atuam no sentido de reforçá-la. Ainda existe muito caminho para a compreensão da performatividade de gênero e suas relações com o corpo que incluem, sobretudo, as escolhas que fazemos sobre ele.

Quando me refiro à performatividade de gênero, busco em J. Butler (2003, pp. 25-55) o arcabouço necessário para a compreensão. Segundo a autora, somos submetidos compulsoriamente a direções heteronormativas, assim que se distingue o sexo biológico do bebê na barriga da mãe: se possuir um pênis, será um homem; e assim, por questões reprodutivas, econômicas e sociais, a criança será induzida a se comportar como um homem com todo o aparato simbólico e moral que está incluso na performatividade de “ser homem”. E assim também é com o bebê que possui uma vagina. Para subverter essa ordem é necessário desfazer as amarras estabelecidas entre sexo, gênero e desejo. Existe uma maquinaria responsável por sustentar esses signos que geram essa performatividade (Butler, 2003): existe um problema nesses sites que, além de encerrarem os gêneros na binaridade, contribuem para o rol do controle quanto às nossas escolhas, confundindo e limitando nosso sexo, nosso gênero e manejando nossos desejos. Raramente alguém atenta para esses detalhes, visto que muitas pessoas que entraram nos estúdios em que estive estavam com os desenhos a serem tatuados retirados da internet, ou seja, definidos por estes dispositivos.

Esta, aliás, é uma questão cara quanto ao processo de desconstrução¹⁴ de gênero e do machismo. Não são em todos os estúdios, mas apenas em alguns, onde o movimento de pessoas é majoritariamente de homens heterossexuais (tanto de profissionais, quanto de clientes), que existe a neblina densa das piadas sexistas, machistas e até homofóbicas. Por outro lado, não é de espantar o exemplo do site “Almanaque Digital de Tatuagens”.¹⁵ Trata-se de um site brasileiro bem organizado com todas as revistas da marca “Almanaque Digital de Tatuagens” em formato digital disponíveis para download ou apenas visualizações. Possui galeria de tatuagens com os maiores tatuadores do mundo e suas especialidades. Mas o que impressiona são as capas das revistas. Ao acessar a galeria de revistas, deparamos com as capas dos almanaques digitalizados, todas coloridas, com chamadas de entrevistas com grandes tatuadores, vendas de produtos que tem relação com o mundo da tatuagem, propaganda de marcas de tinta etc. Mas existe uma questão: salta aos olhos de qualquer um o uso do corpo da mulher, sensualizado e tatuado para as capas.

São mulheres seminuas, em poses *sexys* com tatuagens e cabelos diferentes.

¹⁴ Desconstrução no sentido de “decomposição” de Jacques Derrida. Costuma-se atribuir o termo à “demolição”, mas é equivocado, tendo em vista que não se destrói o que está ali, intacto, dentro dos cânones interpretativos que já foram, outrora, comuns, mas “sair fora deles”, desconstruí-los.

¹⁵ <http://www.almanaquedigital.com.br/wp/>

O apelo é claro: hipersexualização do corpo feminino para vender esta arte e técnica – a da tatuagem. Digo vender porque a tatuagem está ali como bem de consumo, desejada e comprada. Imitada. Homens aparecem raramente nas capas; quando aparecem, são representados com vestidos, sérios, reflexivos e reproduzindo padrões de virilidade. Em outra capa, é estampado um casal heteronormativo: a mulher aparece seminua e ele tampa seus seios com um teclado de computador com uma expressão na face que sugere o texto “meu deus, uma mulher (a minha) nua”. Mas o que mais surpreende é que, enquanto homens raramente aparecem nas capas, as mulheres são frequentes e aparecem mesmo das pernas para baixo, com a calcinha abaixada.

FIGURA 1

CAPAS DAS REVISTAS DIGITALIZADAS DO ACERVO DO ALMANAQUE DIGITAL DE TATUAGEM





Fonte: Página do acervo digital de revistas do Almanaque Digital de tatuagem.¹⁶

Isso não surpreende, tendo em vista que a sociedade é culturalmente separada entre homem e mulher e essa cultura distribui signos e significados que sustentam esse binarismo. Desde crianças, somos culturalmente educados para direcionar nossos desejos nesse duplo arquétipo “homem e mulher”, ou seja, somos condicionados a adotar e escolher o gênero dentre os que são socialmente atribuídos a nós, e que são heteronormativos. É nos apropriando das categorias de gêneros que nos apresentamos ao mundo e somos socialmente reconhecidos, mas sabemos que essa questão binária de gênero, embora reforçada a todo instante por dispositivos culturais, tem sofrido duras críticas de intelectuais, pesquisadores e militantes envolvidos em movimentos sociais a favor do não binarismo e a favor da liberdade/respeito/visibilidade de identidade de gênero não “normativo”. Basta fazer uma busca na internet sobre “mulheres tatuadas”. Majoritariamente os sites são voltados para julgamentos sobre o corpo feminino tatuado, outros sites são listas de “belas mulheres tatuadas”, outros são sites de “mulher para mulher” que dão “dicas” de como tatuar-se sem ser julgada. “A escolha do desenho” (dicas para que as mulheres peçam conselhos aos maridos, namorados, mães e pais para que não façam uma escolha infeliz sobre o desenho a ser tatuado), “local credenciado”, etc. O controle precisa ser garantido: pode-se imaginar o quão subversivo se mulheres pudessem fazer suas escolhas livremente sobre seus próprios corpos?

Por outro lado, algumas mulheres no século XIX eram tatuadas à força para que pudessem virar atração nos circos de entretenimento *freak show* ou estavam passando, juntamente com seus maridos/namorados tatuadores, dificuldades fi-

¹⁶ <http://www.almanaquedigital.com.br/wp/almanaque-digital-de-tatuagem/>. Acesso abril de 2017.

nanceiras e acabavam tatuando-se para que angariassem dinheiro com o entretenimento à custa de seus corpos tatuados. Segundo Leusa Araújo (2005), a entrada das mulheres tatuadas nos circos e espetáculos, final do século XIX, início do século XX, trouxe mais beleza aos circos do que choque. A lista de nomes que ficaram famosos: La Belle Irene, Edith Burchett, Artoria Gibbons, Miss Stella. A mais célebre foi Betty Broadbent, conhecida como *Lady Tattoo*, que começou a sua carreira no final dos anos de 1920, no *Ringling Bros. Barnum & Bailey Circus*, e exibiu-se até 1967.

Essas mulheres, embora por contextos diferentes e alguns perpassados por abusos e controles de seus corpos, romperam com fluxos de preconceitos e proporcionaram para as mulheres das gerações seguintes a possibilidade de explorar o campo profissional da tatuagem e o universo relacionado a ela. Diante das perspectivas e julgamentos ao corpo feminino, cabe a nós, mulheres, dar rumos e direcionamentos livres aos nossos desejos, principalmente quanto ao controle de nossos corpos. O cuidado de si primeiro, a escolha para si, para depois lidar com o fora, com o que nos é externo. Independentemente da forma com que julgam o corpo feminino tatuado, deve-se criar para nossos corpos uma maneira de existir positiva e vibrátil sem que fluxos e agenciamentos de controle nos tirem os domínios e a liberdade do devir-mulher.

FONTES DE PESQUISA

ENTIDADES

Estúdio Alucinação: Bairro Mansour; Uberlândia.

Estúdio Blessed: Center Shopping Uberlândia; Bairro Tibery; Uberlândia.

Estúdio Tinta Preta: Bairro Centro; Uberlândia.

Estúdio Sala 3: Bairro Brasil; Uberlândia.

ONLINE

<http://super.abril.com.br/saude/tatuagens-melhoram-seu-sistema-imunologico/>. Acesso: junho de 2017

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/franca-devolve-a-nova-zelandia-ca-beca-mumificada-de-guerreiro-maori-1.html>. Acesso: junho de 2017.

<http://memoriasantista.com.br/?p=1428>. Acesso: junho de 2017

<http://revistapegn.globo.com/Como-abrir-uma-empresa/noticia/2016/05/como-abrir-um-estudio-de-tatuagem.html>. Acesso: junho de 2017

<http://alchemytattoo.com/>. Acesso: junho de 2017

<http://super.abril.com.br/blog/cienciamaluca/homens-acham-que-mulheres-tatuadas-sao-mais-faceis/>. Acesso: junho de 2017

<https://extra.globo.com/casos-de-policia/agredida-por-marido-que-confundi-com-atriz-porno-mulher-se-joga-de-predio-no-df-21429134.html>: Acesso: junho de 2017

<https://wiki.bme.com/index.php?title=File:Labelleirene.jpg> Acesso: junho de 2017

<https://wiki.bme.com/index.php?title=File:Edithburchett1.jpg>. Acesso junho de 2017.
<http://www.anb.org/articles/20/20-01906.html>; Acesso junho de 2017.
<http://www.almanaquedigital.com.br/wp/>. Acesso junho de 2017.
<https://br.pinterest.com/toughlovestudio/tattoo-jokes-quotes-sayings/?lp=true>. Acesso junho de 2017.
<https://mundodastatuagens.com.br/>. Acesso em abril de 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araujo, Leusa. *Tatuagem, piercings e outras mensagens do corpo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- Bourdieu, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- Butler, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Deleuze, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- _____. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 1994.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- _____. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Foucault, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- Guattari, Félix. *Caosmos: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- Guattari, Félix; Rolnik, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, [1986] 2011.
- Mifflin, Margot. *"Bodies of Subversion: A Secret History of Woman and Tattoo"*. Nova York: Power House Books, 2013.
- Pires, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2005.
- Portal Priceonomics. *"O Rise and Fall of Circus Freakshows"*. Disponível em: <https://priceonomics.com/the-rise-and-fall-of-circus-freakshows/>. Acesso em junho de 2017.
- Rodrigues, Apoenan. *Tatuagem: dor, prazer, moda e muita vaidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006
- Rolnik, Suely *Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora Sulina, [2006] 2011.

Artigo recebido em 15/06/2017; aprovado para publicação em 13/07/2017

RESUMO: Este artigo é uma breve cartografia sobre o corpo feminino tatuado desde os eventos de entretenimento denominados como circos de *freaks show*, comuns nos Estados Unidos e na Europa no final do século XIX e início do XX, até os dias atuais. Também é uma cartografia das maneiras de subjetivação da mulher que faz uso de signos como a tatuagem. Doravante, permite-se a análise dos dispositivos de controle e dos fluxos desejantes da máquina social, estes entendidos pela égide de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que oferecem os elementos necessários para o campo social para controlar os anseios, sentimentos e desejos das mulheres em relação ao próprio corpo e sua liberdade com ele. Este artigo é, sobretudo, um incentivo à liberdade do devir-mulher e seu corpo.

PALAVRAS-CHAVE: tatuagem, corpo, mulher, subjetividade.

ABSTRACT: This article is a brief cartography about tattooed female body since entertainment events known as freak show circuses, common in the United States and Europe in the late nineteenth and early twentieth century, up to the present day. It is also a cartography of the laws of subjectivation of the woman who makes use of signs like a tattoo. Henceforth, it is possible to analyze the control devices and the desirable flows of the social machine, understood by the aegis of Gilles Deleuze and Félix Guattari, who offer the necessary elements for the social field to control the yearnings, feelings and desires of women in relation to his own body and his freedom towards him. This article is, above all, an incentive to the freedom of the woman and her body.

KEYWORDS: tattoo, body, woman, subjectivity.